



Soberania Alimentar: Um Mosaico de Resistência e Renovação em 16 de Outubro

Por Mercy Dedaa Osei, para RAÍZES.

2025/11/26

O dia 16 de outubro marca o “Dia Mundial da Alimentação”, que comemora a fundação da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em 1945. No entanto, em 2008, La Via Campesina (LVC) declarou 16 de outubro como o “Dia Internacional de Ação pela Soberania Alimentar dos Povos e contra as Corporações Transnacionais”, a fim de destacar as falhas do sistema das Nações Unidas e a captura da FAO pelo capitalismo global, que impede a organização de enfrentar as verdadeiras



causas da fome. A fome mundial não é simplesmente um desafio “natural” ou “técnico”, embora esses fatores sejam relevantes; o principal motor da fome é o controle do imperialismo sobre os sistemas alimentares globais. Os gigantes mundiais da alimentação não veem esses sistemas, primordialmente, como a espinha dorsal nutricional do planeta ou como um recurso cultural, mas apenas como um meio de gerar lucros exorbitantes.

A renomeação feita pela LVC torna 16 de outubro um desafio permanente à agricultura estabelecida global. Ela mobiliza camponeses, povos indígenas, movimentos sociais, consumidores e, de modo geral, pessoas de mente justa para ver a ligação entre a exploração sistêmica e a política neoliberal e a fome mundial.

Ela promove as alternativas, especialmente a “soberania alimentar” ou o direito das comunidades de determinarem seus próprios sistemas alimentares em vez de se submeterem aos sistemas capitalistas globais. Ela prioriza a produção e o consumo locais de alimentos, salvaguarda indígenas e sementes locais, e métodos agrícolas agroecológicos que protegem a biodiversidade. Este artigo destaca como movimentos populares, organizações e países celebraram 16 de outubro na África, Ásia e América Latina neste ano.



Pôster de 16 de outubro. Foto: La Via Campesina

África

Na Tanzânia, Zimbábue e Uganda, numerosas organizações realizaram eventos e atividades que destacaram alternativas práticas e promoveram mudanças de políticas. Do Fórum de Pequenos Agricultores da África Oriental e Austral, Fórum de Agricultores Orgânicos de Pequena Escala do Zimbábue, ao Mtandao wa Vikundi vya Wakulima Tanzania, estas são organizações lideradas por agricultores que operam na África Oriental e Austral. Essas organizações estão envolvidas na luta para garantir os interesses econômicos, sociais e políticos dos pequenos agricultores, identificando seus oponentes como as políticas, práticas e marginalização sistêmica que



desfavorecem os pequenos agricultores. Comprometidas em influenciar as políticas agrícolas nacionais e regionais para promover a agricultura sustentável e ecológica e empoderar os agricultores contra forças que ameaçam seus meios de subsistência e soberania alimentar.

No Fórum de Pequenos Agricultores da África Oriental e Austral (ESAFF) em Uganda, a organização de defesa liderada por agricultores comemorou 16 de outubro através de atividades de campo, apresentações artísticas e exposições que enfatizaram a promoção da agroecologia e da soberania alimentar.

Em Uganda, a Escola Comunitária de Agroecologia Kisanga (CAS) da organização sediou um diálogo comunitário, reunindo legisladores, líderes locais e pequenos agricultores para discutir a importância da agroecologia na promoção da soberania alimentar e na proteção da saúde pública. No diálogo, Peter Okeyoh, membro do Parlamento pelo Condado de Bukooli no distrito de Mayuge e membro da Aliança Parlamentar de Uganda para Segurança Alimentar e Nutricional, elogiou os esforços da ESAFF Uganda para fortalecer a resiliência dos pequenos agricultores promovendo a produção de alimentos de alta qualidade e sem produtos químicos.

Além disso, pequenos agricultores das seis Escolas Comunitárias de Agroecologia da ESAFF-Uganda—Kisanga, Road Barrier Upper, St Cecilia CAS, Nyamwamba, Bunyandiko e Mumbuzi, representados pela Sra. Nevaket Masika, apresentaram uma declaração aos membros do parlamento destacando cinco questões políticas críticas destinadas a enfrentar os obstáculos que dificultam seu engajamento em práticas agrícolas sustentáveis. Esses fatores incluem a insegurança na posse da terra, o acesso restrito a crédito e mercados, assim como as enchentes relacionadas ao clima. A declaração também enfatizou a contribuição vital das agricultoras na promoção de sistemas alimentares sustentáveis. A declaração destacou a necessidade de uma adoção mais ampla da agroecologia e conclamou o governo a garantir os direitos fundiários das mulheres, proteger as terras agrícolas contra enchentes e animais selvagens, melhorar a agregação de valor, regular insumos agrícolas prejudiciais e oferecer compensação às comunidades afetadas pelas enchentes do Rio Nyamwamba—um chamado à agricultura inclusiva e sustentável.



Pequenos agricultores exibindo seus produtos durante o evento na Kisanga CAS em Kasese. Foto: ESAFF-Uganda

Além disso, por meio de apresentações artísticas, os Clubes de Agroecologia das escolas apoiadas pela ESAFF Uganda utilizaram a poesia para evidenciar a agroecologia e a soberania alimentar, representando o envolvimento da juventude no movimento por sistemas alimentares sustentáveis. A organização também participou das celebrações nacionais na cidade de Fort Portal, em Uganda, onde expôs produtos cultivados agroecologicamente e variedades de sementes manejadas por agricultores da sua rede de pequenos produtores. As exposições destacaram as alternativas concretas que as comunidades estão construindo: alimentos seguros, nutritivos e cultivados em harmonia com a natureza.



Participantes inspecionam estandes da exposição. Foto: ESAFF-Uganda



Hon. Frank Tumwebaze (de camisa amarela), Ministro da Agricultura, Indústria Animal e Pesca, inspecionando estandes da exposição pelos pequenos agricultores durante as Celebrações Nacionais. Foto: ESAFF Uganda



De forma semelhante, o Fórum de Agricultores Orgânicos de Pequena Escala do Zimbábue (ZIMSOFF) comemorou este dia realizando uma Feira de Agroecologia e Soberania Alimentar na Escola de Agroecologia Shashe. A feira apresentou aos pequenos agricultores e partes interessadas as práticas de agroecologia, assim como exibiu a diversidade de sementes e alimentos produzidos enquanto se preservavam os recursos naturais. O evento também permitiu demonstrar as evidências e os sucessos da agroecologia e dos sistemas de sementes liderados por agricultores, promovendo o discurso político em favor dessas abordagens.

Representantes do cluster central e partes interessadas relevantes participaram do evento. Eles observaram a implementação de várias iniciativas agroecológicas destinadas a melhorar a segurança nutricional, a renda, os meios de subsistência e a sustentabilidade ambiental.

O convidado de honra, Coordenador Assistente de Desenvolvimento Distrital, elogiou os agricultores do Distrito de Masvingo pelos seus esforços notáveis no plantio de grãos tradicionais, que são uma prioridade do governo à luz das atuais questões de mudança climática.

Um porta-voz da Autoridade de Gestão Ambiental elogiou a visão de distritos livres de ravinas, assim como aqueles que continuam a preservar áreas florestadas por meio de esforços de conservação. A Polícia da República do Zimbábue também aplaudiu o envolvimento dos jovens em Shashe, especialmente como uma solução para o abuso de drogas e substâncias, assim como para o crime.



Feira de Agroecologia e Soberania Alimentar. Foto: ZIMSOFF

Além disso, membros da Rede Nacional de Grupos de Pequenos Agricultores na Tanzânia (Mtandao wa Vikundi vya Wakulima Tanzania - MVIWATA) convocaram uma reunião do conselho e se juntaram a pequenos agricultores globalmente para observar este dia significativo. A reunião, realizada na sede da MVIWATA em Morogoro, reuniu seus membros de diferentes regiões.



Reunião do Conselho na sede da MVIWATA, em Morogoro. Fonte: MVIWATA

Ásia

Do Nepal e da China, as experiências para comemorar e contribuir para a soberania alimentar não se limitam aos esforços de organizações progressistas, mas também do governo, como se observa no caso da China.



Cenas do Workshop de Agroecologia. Foto: Federação de Camponeses de Todo o Nepal

Em um esforço colaborativo, a Marcha Mundial das Mulheres – Nepal, Sristi Sewa Semaj e a Federação de Camponeses de Todo o Nepal organizaram um programa de 3 dias que culminou em uma manifestação de centenas de mulheres, camponeses e jovens ativistas. Eles marcharam e reivindicaram paz, direitos à terra e um mundo livre da fome. A manifestação ressaltou a interconexão entre soberania alimentar e paz, enfatizando que o direito à alimentação e à terra forma a base da justiça social e do desenvolvimento sustentável.

Além disso, as três organizações, por meio de seus esforços conjuntos, organizaram um workshop de agroecologia para mulheres camponesas, abordando lições sobre temas como manejo de pragas, soberania de sementes e alimentos, princípios e práticas agroecológicas, conservação do solo e da água, e o papel das mulheres na agricultura. Esses dois importantes eventos, que ocorreram em Kuntabeshi, Município de Mandandeupur, criaram um espaço para diálogo, aprendizado e solidariedade entre mulheres camponesas e líderes que representam sete províncias do Nepal.



Alguns participantes do workshop de Agroecologia. Foto: Federação de Camponeses de Todo o Nepal



Uma marcha por Kuntaveshi. Foto: Federação de Camponeses de Todo o Nepal



Uma variedade de iniciativas e programas foi implementada na China para fortalecer a soberania alimentar do país. Esses projetos incluíram o estabelecimento de um centro de serviços para agricultores em Dezhou, Shandong, que permite aos agricultores utilizar instalações de secagem e armazenamento. Além disso, o Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais distribuiu secadores de grãos em todo o país para enfrentar as dificuldades causadas pelo excesso de chuvas durante a época de colheita. Também estão incluídas as políticas e iniciativas implementadas pelo governo para tratar da questão das perdas de colheitas, entre outras coisas.



Classificação de grãos como etapa prévia à secagem. O slogan na parede diz: “O abastecimento alimentar do povo chinês está firmemente em suas próprias mãos.” Província de Heilongjiang, China. Foto: Li Ang/Agência de Notícias Xinhua



Centro de Serviços para Agricultores em Encheng, Condado de Pingyuan, Cidade de Dezhou, Província de Shandong. O centro possui um grande equipamento de secagem e 9 silos de grãos padronizados, que fornecem serviços de secagem e compra de milho para os agricultores locais. Foto: Zhao Huhao/Agência de Notícias Xinhua

América Latina

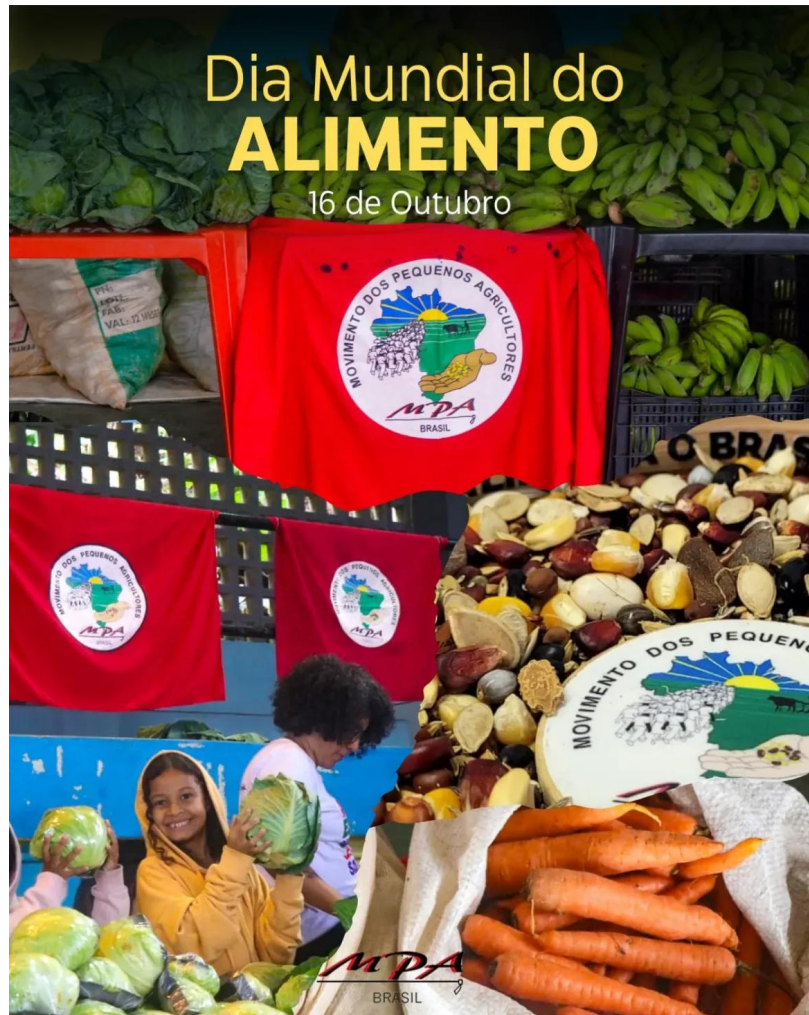
Na América Latina, movimentos do Brasil, Argentina e do governo mexicano não ficaram de fora na participação desse esforço global.

Organizações como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra inauguraram um agronegócio de feijão que garantirá autonomia e aumentará a renda dos produtores em 50% no Paraná, Brasil, como parte dos esforços para 16 de outubro.

No Movimento dos Pequenos Agricultores do Brasil (MPA), a organização compartilhou uma declaração em sua plataforma de mídias sociais destacando como “a alimentação é um direito, a alimentação saudável é a garantia de uma vida digna e saudável, defender a soberania alimentar é defender a vida da terra e de seus seres, é um chamado à conscientização sobre o que nos sustenta: o alimento que vem da terra, o fruto do



trabalho de milhões de agricultores. Celebrar este dia reafirma o direito de todos de comer com qualidade, diversidade e dignidade. O alimento não é uma mercadoria; é um direito humano essencial que conecta o campo e a cidade, cultura e vida. O MPA tem, em seu debate, em seus princípios e em sua bandeira central de luta, a Soberania Alimentar. Defender a soberania alimentar significa cuidar da vida em todas as suas formas. Significa garantir que as pessoas tenham o poder de decidir o que produzem, como produzem e o que consomem, respeitando a natureza e a biodiversidade. Neste tempo de crise climática e destruição ambiental, fortalecer a agricultura camponesa e agroecológica significa proteger o planeta e o futuro da humanidade. Porque sem soberania alimentar, não há soberania popular.”



Pôster de 16 de outubro do MPA Brasil. Foto: MPA Brasil

A Federação Rural (Federación Rural) da Argentina também compartilhou uma posição política contextualizando a crescente desigualdade, pobreza e fome na Argentina e a importante necessidade de somar sua voz ao clamor e aos esforços globais da Via Campesina em defesa da alimentação para o povo, da biodiversidade do planeta e dos direitos de viver e trabalhar em territórios livres de violência, poluição e depredação causada por grandes multinacionais e pelo poder econômico concentrado. A organização, na declaração, reafirmou seu compromisso de trabalhar e se organizar dia a dia na luta pela soberania alimentar do povo e por um futuro de dignidade e justiça social.



Pôster de 16 de outubro da Federação Rural, com a frase: “Dia da Soberania Alimentar, por um novo modelo agrário nacional que produza os alimentos que o povo precisa”. Foto: Federação Rural

Além disso, o Movimento Nacional Camponês Indígena (Movimiento Nacional Campesino Indígena) enviou uma mensagem forte de solidariedade, enfatizando o papel crucial das vozes das mulheres rurais, camponesas e indígenas devido à sua importante função de sustentar a vida com suas mãos, através do plantio, criação e alimentação do povo. A organização destacou a violência perpetrada por grandes entidades do agronegócio em várias províncias, assim como as populações indígenas e camponesas que se opõem ao despojo e à criminalização, salvaguardando o que é mais sagrado: terra, água, sementes e vida. Eles enfatizaram como suas comunidades permanecem organizadas, trabalhando coletivamente e demonstrando que outro modelo é possível, um que respeite a natureza, a cultura e o direito dos povos de decidir



o que produzir e como viver. Simultaneamente, reiteraram seu compromisso com a soberania da terra e da alimentação.



Pôster de 16 de outubro do Movimento Nacional Camponês Indígena. Foto: MNCI

Finalmente, o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural do México implementou medidas que promovem a produção sustentável, fortalecem as comunidades rurais e preservam as práticas agrícolas tradicionais. O Governo do México comprometeu-se a aumentar a autossuficiência e a soberania alimentar, visando garantir que cada indivíduo tenha acesso a alimentos saudáveis, seguros e de alta qualidade, conforme estipulado no artigo 4º da Constituição. Iniciativas como a produção para o bem-estar auxiliam pequenos e médios produtores a aumentar sua produção de forma sustentável, promovendo a diversidade de culturas alimentares



básicas como milho, feijão, amaranto e abóbora na dieta mexicana. Essas iniciativas visam fortalecer a economia local enquanto garantem que a população tenha acesso a alimentos nutritivos de origem nacional.



Uma exposição de produtos agrícolas. Foto: Agricultura e Desenvolvimento Rural – site do Governo do México

Tendências Comuns

Da Ásia, África à América Latina, essas organizações compartilharam tendências comuns, como foco na soberania de sementes e alimentos, construção de alianças e solidariedade, enquadramento da fome como uma crise política e luta, e ênfase no papel das mulheres e jovens. Essas organizações seguiram várias técnicas e atividades, mas sua visão permanece unificada e consistente. Nas atividades desses movimentos,



organizações e governos, há um reconhecimento, assim como uma afirmação, como se observa em suas ações concretas, da necessidade de soberania alimentar, agroecologia e sustentabilidade. Por meio de seus esforços, é demonstrada a compreensão de que o conflito central, de uma luta por alimentos, é também uma luta pelo poder.

Em conclusão, o movimento pela soberania alimentar está crescendo em torno de interesses comuns, sugerindo consenso. Uma mudança de atitude e prática da segurança alimentar para a soberania alimentar não pode ocorrer isoladamente. Há necessidade de uma solidariedade ampla e profunda que transcenda as divisões urbano-rurais e entre governos, assim como políticas que protejam os pequenos agricultores, apoiem os mercados locais e salvaguardem os direitos sobre a terra. Também é necessária a urgente ação de pessoas, movimentos camponeses e/ou organizações para continuar agitando e permanecendo juntos para reivindicar seus direitos de definir e defender seus próprios sistemas alimentares e agrícolas, ao mesmo tempo em que protegem o meio ambiente e fornecem alimentos saudáveis e acessíveis para a humanidade e para as gerações futuras.
